

ANA CARLA DANTAS MIDÕES

**ENSINO DE QUÍMICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANÁLISE DAS
PUBLICAÇÕES DO ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA
(ENEQ) DE 2008 A 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Raquel Mombelli

Florianópolis

2016

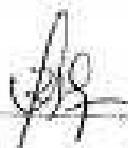
ANA CARLA DANTAS MIDÕES

ENSINO DE QUÍMICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ANÁLISE DAS
PUBLICAÇÕES DO ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA
(ENEQ) DE 2008 A 2016

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Raquel Mumbelli



Dina Andrade Torres



Mayra Ramos de Souza Cajuelo Warren

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Midões, Ana Carla Dantas

Ensino de química e relações étnico-raciais: análise das publicações do Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ) de 2008 a 2016 / Ana Carla Dantas Midões ; orientadora, Raquel Mombelli - Florianópolis, SC, 2016.

51 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Gênero e diversidade na escola. 3. ensino de química. 4. relações étnico-raciais. 5. Lei 10.639/03. 6. Lei 11.645/08. I. Mombelli, Raquel. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

Dedico este trabalho às minhas alunas/ex-alunas que vivenciam experiências negativas provenientes do racismo e do sexismo, inclusive no contexto escolar.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Raquel Mombelli pelo incentivo, confiança, paciência, dedicação e orientação, possibilitando a concretização deste trabalho.

Ao tutor Jefferson Virgílio por ter me inserido nas questões étnico-raciais, além de todo incentivo, apoio e aprendizado.

A todas(os) professoras(es), tutoras(es) e coordenadoras(es) do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade de realizar esse curso que proporcionou tantas reflexões/reconstruções/aprendizados.

Às(aos) colegas de turma do curso pelo companheirismo, aprendizados e apoio.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, local em que atuo, por reconhecer a importância da formação continuada.

A todas(os) não mencionadas(os) que direta ou indiretamente contribuíram de diferentes formas na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A Deus por me guiar para caminhos profícuos e possibilitar encontrar/reencontrar pessoas especiais e que possuem muito a me ensinar, contribuindo na tentativa diária de um crescimento pessoal, profissional e espiritual.

Ao meu filho Rafael e esposo João Henrique por todo amor, carinho, paciência e convívio.

À minha mãe Ana Selma, irmã Ana Paula e irmão Carlos Alexandre por toda a contribuição que tiveram na minha vida escolar e acadêmica, além do amor, apoio, ensinamentos, confiança e amizade.

Às(aos) minhas(meus) amigas(os) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo pelas trocas de experiências, aprendizados, amizade, apoio, carinho e convívio.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff

(2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Temos o direito de sermos iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de sermos diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Boaventura de Souza Santos

RESUMO

A escola, que deveria ser um lugar de valorização da diversidade, muitas vezes contribui na reprodução de estereótipos, preconceitos e discriminação, podendo ser um ambiente hostil para muitas(os) alunas(os), professoras(es) e funcionárias(os). A fim de combater o preconceito racial e trazer as discussões sobre questões étnico-raciais para a escola, foi implementada a Lei 10.639/03 e, posteriormente, a Lei 11.645/08. Afinal, para superarmos estereótipos, preconceitos e discriminações e alcançarmos uma escola mais justa, igualitária e democrática, é essencial que a valorização da diversidade étnica esteja presente no ambiente escolar, permeando todas as disciplinas. Entretanto, apesar de mais de uma década de implementação dessa lei, muitas(os) docentes não a conhecem, não aplicando-a em sala de aula. Por outro lado, verifica-se um aumento no número de trabalhos publicados no Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ) a partir do ano de 2014 que relacionam o ensino de química às questões étnico-raciais. Nesse sentido, este projeto propõe o levantamento/mapeamento e posterior análise das publicações que abordam as relações étnico-raciais nos ENEQ's de 2008 a 2016, além de buscar identificar o motivo do aumento do número de publicações nessa temática a partir de 2014.

Palavras-chave: Ensino de química. Relações étnico-raciais. Lei 10.639/03. Lei 11.645/08. Combate ao preconceito.

ABSTRACT

The school, that should be a place of appreciation of diversity, often contributes to the reproduction of stereotypes, prejudices and discrimination, and can be a hostile environment for many students, teachers and employees. In order to combat racial prejudice and bring the discussions on ethnic-racial issues to school, Brazilian Federal Law Number 10.639 /2003 and later Law 11.645 / 08 were implemented. After all, in order to overcome stereotypes, prejudices and discrimination and achieve a fairer, more egalitarian and democratic school, it is essential that the valuation of ethnic diversity be present in the school environment, permeating all subjects. However, despite more than a decade of implementation of this law, many teachers do not know it, not applying it in the classroom. On the other hand, there is an increase in the number of papers published in the National Chemistry Teaching Conference (Encontro Nacional de Ensino de Química - ENEQ) from the year 2014 that relate the teaching of chemistry to ethnic-racial issues. In this sense, this project proposes the survey / mapping and subsequent analysis of the publications that approach the ethnic-racial relations in the ENEQ from 2008 to 2016, in addition to seeking to identify the reason for the increase in the number of publications in this subject from 2014.

Keywords: Chemistry teaching. Ethnic-racial relations. Law 10.639 / 03. Law 11.645 / 08. Fight against prejudice.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Relação em porcentagem entre o número de trabalhos que abordam questões étnico-raciais e número de trabalhos inscritos | 33 |
| Quadro 2 – Trabalhos apresentados nos ENEQ's de 2008 a 2016..... | 43 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ENEQ - Encontro Nacional de Ensino de Química

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RPEI - Rede Goiana Interdisciplinar de Pesquisa em Educação Especial/Inclusiva

SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 13 |
| | <i>1.1 ESCOLA: AMBIENTE DE DIÁLOGO E COMBATE A PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES.....</i> | <i>15</i> |
| | <i>1.2 ENSINO DE QUÍMICA: CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DA(O) CIDADÃ(ÃO)</i> | <i>16</i> |
| | <i>1.3 ENSINO DE QUÍMICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....</i> | <i>17</i> |
| | <i>1.4 ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO DE QUÍMICA (ENEQ) E A PROMOÇÃO DA IGUALDADE ÉTNICO-RACIAL.....</i> | <i>19</i> |
| 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 21 |
| 3 | ANALISANDO OS DADOS | 22 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| | REFERÊNCIAS | 39 |

1 INTRODUÇÃO

A escola tem um papel essencial na construção de uma cultura de promoção e garantia dos direitos humanos. Entretanto, estereótipos, preconceitos e discriminações estão presentes na nossa sociedade, permeando inclusive o ambiente escolar. Assim, além do desafio do acesso à escola, muitas(os) estudantes enfrentam o de permanecer num local que muitas vezes pode ser hostil ao invés de acolhedor (BENTO, 2011). Há discriminação contra pessoas com deficiência, em razão de raça/etnia, gênero, orientação sexual, não havendo práticas ou conteúdos pedagógicos de valorização da diversidade étnico-cultural no espaço escolar.

Segundo dados levantados pelo o Grupo de Trabalho Interministerial do MEC (Ministério da Educação e da Cultura) em 2008¹, o acesso à educação a pessoas negras constituem a maioria das que estão fora da sala de aula em todas as faixas escolares. Os dados revelam que o percentual de pessoas negras fora da escola é o dobro que os brancos, têm a maior repetência e menor tempo de anos de estudos. Esses dados indicam que a educação brasileira necessita considerar uma preocupação permanente de reconhecer e saber lidar com as especificidades dos diferentes grupos étnicos que formam a nação brasileira.

Em relação à educação indígena, por meio do Resumo Técnico do Censo de 2010 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira verificou-se um crescimento no número de matrículas no período de 2007-2010. Entretanto,

¹ Grupo de Trabalho Instituído por Meio da Portaria Interministerial Mec/mj/seppir (No 605 de 20 de Maio de 2008). Essa pesquisa demonstra que a População Brasileira é formada por 92.120.000 pessoas brancas e 91.231.000 pessoas negras (11.563.000 pessoas pretas e 79.668.000 pessoas pardas) (IBGE/PNAD, 2006). Quanto ao acesso à educação: as pessoas negras constituem a maioria das que estão fora da escola em todas as faixas etárias. Na faixa etária dos sete aos 14 anos, representam 2,39%, e os brancos, 1%. Entre 15 e 17 anos, o percentual de pessoas negras (6,02 %) fora da escola é o dobro do dos brancos (3,7%). Na faixa etária dos 18 aos 24 anos, os negros representam 46% e os brancos 39% (IBGE/PNAD, 2006 apud Ipea/Disoc/Ninsoc – Núcleo de Gestão de Informações Sociais, s.d.). • Anos de estudo: os negros com 15 anos ou mais tinham em 2006, em média, 1,7 ano de estudo a menos que os brancos, 6,4 anos e 8,1 anos, respectivamente (Observatório da Equidade, 2006). • Freqüência escolar: em 2005, a taxa líquida de matrícula entre jovens negros de 11 a 14 anos era de 68%. Os outros 32% já haviam desistido ou encontravam-se ainda no primeiro ciclo do ensino fundamental enfrentando a repetência (Ipea, 2006). • Taxa de escolarização em idade correta: a desigualdade é ainda acentuada no ensino médio e ensino superior. Em 2006, no ensino médio a diferença que separa a taxa dos brancos (58,3%) da alcançada pelos negros (37,94%) é de quase 21 pontos percentuais. No ensino superior, a distância entre negros e brancos é de 12,7 pontos percentuais, sendo 18,5% a taxa de escolarização na idade correta de brancos para 6,1% da população negra (IBGE/PNAD apud UNESCO, 2008). • Taxa de Analfabetismo: entre os jovens e adultos pretos e pardos de 15 anos ou mais idade, 14,6% não sabem ler e escrever, para 6,5% entre brancos (Observatório da Equidade, 2006). Os dados indicam que a continuidade das políticas universalistas na educação brasileira deve ser acompanhada de uma preocupação permanente de reconhecer a pluralidade e diversidade da população brasileira de forma a contemplar as especificidades e necessidades dos diferentes grupos étnico-raciais.) p. 25

apesar dos avanços obtidos, os dados mostram que ainda há muito a ser feito. Segundo esse documento, as matrículas da educação escolar indígena representam apenas 0,5% do total da educação básica e o número de estudantes indígenas no Ensino Médio ainda é muito reduzido. Além disso, muitas escolas indígenas não possuem estrutura física e equipamentos adequados para seu funcionamento, como também professoras(es) com baixo nível de escolaridade.

No Brasil, há alguns anos temos documentos, leis e programas educacionais no sentido de uma educação como direito de todas(os), buscando atender aos grupos que estavam sendo historicamente excluídos do sistema escolar. No campo das relações étnico-raciais podemos citar alguns, tais como:

- Lei 10.639/03 que tornou obrigatória a inclusão da História e Cultura afro-Brasileira e africana no currículo escolar da educação básica (BRASIL, 2003);
- Lei 11.645/08 que inclui à lei citada acima o ensino da História e Cultura indígenas (BRASIL, 2008a);
- Rede de Educação para a Diversidade, criada em 2008, oferecendo cursos de formação continuada para professoras(es) da rede pública da educação básica envolvendo oito áreas da diversidade, sendo uma delas as relações étnico-raciais (BRASIL, 2008b);
- Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (UNESCO, 2009).
- Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Escolar Quilombola, de 2012, que institui orientações para que os sistemas de ensino formulem projetos político-pedagógicos adequados à especificidade das vivências, realidades e história das comunidades quilombolas do país, definindo diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar Quilombola na Educação Básica (BRASIL, 2012).

Conforme destacam Mailsa Passos e Stela Caputo (2011) esses documentos não surgiram espontaneamente, mas são resultados de lutas históricas dos movimentos sociais que buscam a legitimação desses povos e dessas culturas.

1.1 ESCOLA: AMBIENTE DE DIÁLOGO E COMBATE A PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES

De acordo com Nilma Nilo Gomes (2003), a implementação da Lei 10.639/03 pode contribuir para a introdução de estudos sobre a relação corpo, cultura e identidade negra, já que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Entretanto, segundo Ellen Souza (2014), apesar de ter se passado mais de uma década da implementação desta lei, ainda há o desconhecimento da temática por professoras(es), inviabilizando sua concretização e aplicabilidade em sala de aula.

Assim, é necessário que se entenda que a discussão sobre raça/etnia e educação, nos seus múltiplos desdobramentos, é uma obrigação das(os) professoras(es) e também das(os) responsáveis pela formação docente. Portanto, os estabelecimentos de ensino precisam estar atentos à importância do trabalho com a questão racial a fim de desconstruir estereótipos e preconceitos raciais, desenvolvendo atividades e projetos que valorizem a diversidade étnica (GOMES, 2005).

Nesse sentido, para superarmos o racismo e alcançarmos uma sociedade mais justa e democrática, é essencial que as discussões referentes às diversas formas de preconceitos e discriminação estejam presentes no cotidiano escolar. Conforme Rodhen (2009) a escola precisa e tem a obrigação de abrir espaço para discussões sobre tais temas a fim de romper hierarquias simbólicas desde os anos iniciais de estudo, além de garantir o acolhimento e o respeito às diferenças. Entretanto, de acordo com a autora há um receio por parte das(os) professoras(es) de abordar com as(os) alunas(os) temas como sexualidade ou discriminação racial, principalmente pelo medo de contrariar as famílias.

Nesse contexto, como ressalta a pesquisadora Anna Paula Vencato (2014), a fim de produzirmos uma escola realmente justa, temos que repensar conteúdos, práticas e ações, trocando o silêncio e a confortável ausência do diálogo pelo desconforto de falar sobre as coisas do cotidiano escolar, transformando cada comentário jocoso ou ação preconceituosa em oportunidade para discutir preconceitos, estereótipos e exclusões, desconstruindo concepções já naturalizadas. Para tanto, precisamos deixar de lado a ideia de que a escola não tem que falar sobre os marcadores sociais da diferença.

Além disso, para que o reconhecimento e valorização de outras etnias ocorram na escola é preciso que as(os) professoras(es) primeiramente analisem e reflitam sobre suas próprias concepções, pois são observados preconceitos e estereótipos nas falas e ações das(os) docentes, conforme Marília Carvalho (2005).

Por fim, de acordo com Canen (1999), é fundamental a sensibilização para a diversidade cultural e o preparo ao combate a estereótipos e preconceitos relacionados a gênero, raça, etnia, classe social e outros marcadores sociais. Para tanto, conforme Canen e Canen (2005) isso deve estar presente em todo currículo escolar, permeando todas as disciplinas.

Nesse sentido, em uma perspectiva de currículo sem fronteiras, defende que o olhar multicultural deve incidir não só sobre o currículo referente às ciências humanas e sociais, mas também a áreas normalmente associadas às chamadas “ciências duras”(…) (CANEN, A.; CANEN; A. G.; 2005, p. 40).

1.2 ENSINO DE QUÍMICA: CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DA(O) CIDADÃ(ÃO)

Vânia Zuin et al. (2008) afirmam a importância de incluir valores éticos, sociais e pessoais para a construção dos conhecimentos:

Visualizar a construção dos conhecimentos de forma conjunta, seja com outras disciplinas seja com valores éticos, sociais e pessoais pode auxiliar os estudantes a se colocarem como agentes críticos perante a ciência, capazes de tomar decisões, exigir mudanças e protagonizar transformações pessoais e globais (ZUIN et al., 2008, p. 60).

Nesse sentido, a professora e pesquisadora Maria Eunice Ribeiro Marcondes (2008) ressalta que os conteúdos de química estudados em sala de aula devem ter uma significação humana e social, de forma a interessar e provocar a(o) aluna(o) e permitir uma leitura mais crítica do mundo físico e social. É importante que a(o) estudante reconheça a importância da temática para si própria(o) e para o grupo social a que pertence. Assim, será dada uma significação ao seu aprendizado, já possuindo, certamente, conhecimentos com os quais vai analisar as situações que a temática apresenta.

Conforme Santos (2007), não se trata de reduzir conteúdos de química, mas de ressignificá-los socialmente, a fim de que sejam agentes de transformação social, resgatando o papel da formação da cidadania num processo de educação problematizadora.

Da mesma forma, segundo Dionysio, Amorim e Oliveira (2015) o ensino de Química deve contribuir na formação de um(a) estudante cidadã(ão), que respeite, valorize e aprenda com a pluralidade humana.

Entretanto, conforme Oliveira e Queiroz (2016) ainda temos que superar alguns obstáculos para alcançarmos o reconhecimento da importância do ensino de Ciências/Química caminhar no sentido dos Direitos Humanos:

Construir uma aula de Ciências que vá ao encontro dos Direitos Humanos é uma batalha contra um modelo de escola que, por possuir grande dificuldade de diálogo com as diferenças, encontrou como solução o silêncio. Seria uma luta contra os discursos do “somos responsáveis apenas pelo conteúdo de Ciências”, do “não tenho tempo para isso”, do “não fui formado para isso” e do “isso é responsabilidade dos professores de Filosofia e Sociologia”. Por fim, seria uma luta contra a naturalização das constantes violações de direitos humanos (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2016, p. 17).

1.3 ENSINO DE QUÍMICA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Segundo Pinheiro, Rodrigues e Amauro (2016) verifica-se um envolvimento de um número pequeno de pesquisadoras(es) no ensino de Química que valorizam a inserção da discussão da(s) cultura(s) e os saberes populares nos conteúdos dessa disciplina. Em número ainda menor, estão as pesquisas que envolvem o currículo de Química, a formação de professoras(es) de Química e a Lei 10.639/03. Nesse sentido, as publicações que abordam a diversidade étnico-cultural ainda são escassas, principalmente comparadas a outras linhas temáticas de ensino de Química.

Na tese “A Bioquímica e a Lei Federal 10.639/03 em espaços formais e não formais de educação”, Patrícia Moreira (2012) propôs materiais didáticos e práticas pedagógicas para o ensino de Química contextualizado com a Lei 10.639/03. Uma das dificuldades percebida na realização do trabalho foi a falta de preparação e desconhecimento das(os) professoras(es) sobre a lei citada, principalmente as(os) das áreas de Biologia, Matemática, Química e Física, tornando-se urgente a intervenção na formação inicial de futuras(os) docentes.

Dionysio, Amorim e Oliveira (2015) através do trabalho “Direitos Humanos na aula de Química: um relato de experiência a partir da aplicação da Lei 10.639/03” abordaram as questões étnico-raciais e os conceitos químicos sobre proteínas, verificando a importância da disciplina de Química na desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Samuel et al. (2013) por meio do trabalho “Lei 10.639/03 no ensino de química – agora é a hora do cabelo” realizou uma ação sobre a Química dos cabelos respaldando a lei citada, que segundo as(os) autoras(es) é pouco conhecida e aplicada na escola.

Bastos et al. (2014) na publicação “Ensino de Química e a Ciência de Matriz Africana: uma discussão sobre as propriedades dos metais” discute uma proposta pedagógica que envolve as raízes históricas do racismo no Brasil a partir da diáspora africana e o estudo das propriedades dos metais, contribuindo na implementação da Lei 10.639/03 no ensino de química e na busca da desconstrução da visão de Ciência hegemônica (branca, europeia, masculina e de laboratório).

Oliveira e Queiroz (2015) no artigo “As bonecas Karajá em aulas de Ciências: caminhos para a implementação da lei 11.645/08 e diálogo com os direitos humanos” constroem uma estratégia didática na abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e Educação em Artes buscando praticar e revitalizar algumas tradições e costumes indígenas, além de tentarem desconstruir alguns estereótipos das(os) indígenas.

Souza et. al. (2012) por meio do trabalho “Cultura Africana e Ensino de Química: estudos sobre a configuração da identidade docente” capacitaram alunas(os) do curso de licenciatura em Química a produzirem materiais de ciências integrando os recursos de comunicação e informação, com o compromisso de que estes materiais também estivessem de acordo com a lei 10.639/03, além de verificarem o desconhecimento desta lei pelas(os) docentes, indicando a urgência das discussões étnico-raciais permearem os cursos de formação inicial e continuada de professoras(es).

Santos, Siemsen e Silva (2015) em “Articulando Química, questões raciais e de gênero numa Oficina sobre Diversidade desenvolvida no âmbito do PIBID: análise da contribuição dos recursos didáticos alternativos” inseriram a temática da diversidade racial e de gênero como proposta de contextualização do ensino de conteúdos de Química utilizando recursos didáticos alternativos.

Na publicação “A (in)visibilidade do negro e da história da África e Cultura Afro-brasileira em livros didáticos de Química”, Pinheiro, Henrique e Santos (2010) analisaram as imagens e textos nos livros didáticos de Química aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) no ano de 2008 de acordo com a

Lei 10.639/03, verificando que as obras analisadas não contribuem no sentido da valorização da diversidade cultural, além de reproduzirem estereótipos.

Pode-se perceber com esta análise que os livros didáticos de química relacionados no PNLEM não trazem a problematização referendada na lei 10.639/03 e consolidada no parecer CNE/CP 3/2004 e na resolução CNE/CP 1/2004, uma vez que a maioria das imagens veiculadas a **pessoas negras colocam-nas desempenhando um número limitado de atividades profissionais, em geral de menor prestígio e poder, e ainda, omitem o contexto sócio-cultural do negro, prevalecendo valores de cultura eurocêntrica e branca** (PINHEIRO; HENRIQUE; SANTOS; 2010). (grifos meus)

Nesse sentido, conforme destacam Pinheiro, Henrique e Santos (2010) apesar de existirem discussões sobre as possibilidades de se abordar os conteúdos químicos de acordo com a Lei 10.639/03, faz-se necessário mais pesquisas que relacionem o ensino de química às questões étnico-raciais, buscando a ampliação dessa linha temática.

1.4 ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO DE QUÍMICA (ENEQ) E A PROMOÇÃO DA IGUALDADE ÉTNICO-RACIAL

O Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ) é um evento bianual organizado pela Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química (SBQ). A primeira edição do ENEQ foi em 1982, na Faculdade de Educação da Unicamp, coordenado pelas professoras Roseli Pacheco Schnetzler e Maria Eunice Ribeiro Marcondes (USP). A partir de então, o encontro passou a ocorrer bienalmente, tendo sido realizado já em dezoito edições.

No período de 1984 a 1992, este evento era realizado em conjunto com as reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e, posteriormente, foi desvinculado, tendo ocorrido em 1994 em Belo Horizonte/MG; 1996 em Campo Grande/MS; 1998 em Aracajú/SE; 2000 em Porto Alegre/RS; 2002 em Recife/PE; 2004 em Goiânia/GO; 2006 em Campinas/SP; 2008 em Curitiba/PR; 2010 em Brasília/DF; 2012 em Salvador/BA; 2014 em Ouro Preto/MG e o último encontro foi realizado na cidade de Florianópolis (SC), nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em julho de 2016.

O ENEQ tem reunido professoras(es) universitárias(os), professoras(es) da educação básica e alunas(os) de diferentes níveis de ensino, desde o médio até a pós-graduação. A média de participantes nos últimos Encontros tem sido de dois mil inscritas(os) e mais de mil

trabalhos apresentados, com destaque para a grande e crescente participação das(os) alunas(os) do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID).

Assim, em suas edições, o ENEQ promove interações, ações, construções, possibilitando a socialização e a discussão de ideias e produções, na perspectiva da reflexão crítica sobre atuais tendências, concepções e práticas na área de ensino de Química, intensificando a interlocução de grupos de pesquisas e desenvolvimento atuantes nas linhas temáticas propostas, inter-relacionando e gerando conhecimentos e mudanças junto às comunidades em âmbito local, regional e nacional.

Certamente, estes encontros bienais têm estimulado a área de pesquisa em ensino de química e discussões de experiências de ensino de química e formação de professoras(es) de química. Durante o evento são discutidos e divulgados trabalhos, em diferentes formatos: painéis, workshops, palestras, mesas-redondas, conferências, simpósios temáticos e comunicações orais.

Além disso, a Revista Química Nova na Escola que busca subsidiar o trabalho, a formação e a atualização da comunidade do Ensino de Química no Brasil, foi proposta durante um ENEQ, em 1994, consolidando a qualidade dos trabalhos de pesquisa nessa área e tornando-se o principal periódico de ensino de química brasileiro.

Diante do que foi exposto, verifica-se a importância de avançarmos as pesquisas na temática que relaciona o ensino de Química às questões étnico-raciais. Para tanto, é relevante que se tenha um panorama dos trabalhos já existentes. Considerando que o Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ) é o maior e mais importante evento da Divisão de Ensino da Sociedade Brasileira de Química (SBQ), reunindo bienalmente docentes universitários, professoras(es) da educação básica e alunas(os) de graduação e pós-graduação, tendo em média dois mil inscritas(os) e mais de mil trabalhos apresentados, faz-se pertinente mapear e analisar as publicações que abordam as relações étnico-raciais no ensino de Química a partir dos anais do evento no período de 2008 a 2016.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho buscou identificar as publicações nos ENEQ's referentes ao ensino de química e às questões étnico-raciais, os principais temas abordados/linhas de pesquisa nestas publicações referente a essa temática, como também mapear as instituições/pesquisadoras(es) que estão publicando trabalhos nesse eixo temático.

Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa bibliográfica (FONSECA, 2002) das publicações no Encontro Nacional do Ensino de Química (ENEQ) no período de 2008 a 2016 que relacionam o ensino de química e as questões étnico-raciais. Para isso, as fontes utilizadas foram os anais do evento, os quais estão disponíveis na forma eletrônica.

A busca de trabalhos nessa temática a partir dos anais foi realizada utilizando-se palavras-chave (Lei 10.639/03, Lei 11.645/08, relações étnico-raciais, raça, etnia, racismo, negro, afro-brasileiro, indígena, África, identidade) no título, resumo e corpo do texto. Apenas referente ao ano de 2016 que essa busca foi realizada pelo título no caderno de programação do evento, já que até a data da realização deste trabalho os anais de 2016 ainda não estavam disponíveis.

Em seguida, foi feita a análise de conteúdo (BARDIN, 1979). A fim de sintetizar e organizar as informações, foi elaborada uma ficha de leitura. As seguintes informações foram levantadas para cada trabalho: ano de apresentação do trabalho no ENEQ, tipo da publicação (resumo/trabalho completo), título, autoras(es), instituição, palavras-chave, linha temática, objetivo do trabalho e referência a qual(is) etnia(s).

3 ANALISANDO OS DADOS

O XIV ENEQ ocorreu na cidade de Curitiba, no período de 21 a 24 de julho de 2008, sendo organizado pela Universidade Federal do Paraná em colaboração com outras universidades e entidades parceiras. O evento recebeu 1270 inscrites(os), entre professoras(es), pesquisadoras(es) e estudantes de diferentes instituições do país. O tema do evento foi “Conhecimento Químico: Desafios e Possibilidades da Pesquisa e da Ação Docente”, justificando-se pela necessidade de se aprofundar um debate teórico sobre as pesquisas da área de Educação Química. As linhas de pesquisa deste ENEQ foram:

- Currículo e Avaliação (CA)
- Ensino e Aprendizagem (EA)
- Ensino e Cultura (EC)
- Ensino em Espaços não Formais (EF)
- Experimentação no Ensino (EX)
- Formação de Professores (FP)
- História e Filosofia da Ciência no Ensino (HC)
- Linguagem e Cognição (LC)
- Materiais Didáticos (MD)
- Tecnologia de Informação e Comunicação no Ensino (TIC)

Nesse ano, apenas um trabalho envolvendo questões étnico-raciais foi apresentado na linha temática de formação de professores: “Mobilização de saberes docentes no processo de produção de objetos de aprendizagem que atendem a lei 10.639/03” (PINHEIRO, J. S.; SILVA, R. M. G. da), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo como objetivo analisar o processo de produção e desenvolvimento de material didático digital junto a um grupo de alunos de licenciatura em química e observar quais os saberes docentes mobilizados no processo. Um dos autores do trabalho, o professor Dr. Juliano Soares Pinheiro, defendeu em 2009 sua dissertação de mestrado “Aprendizagens de um grupo de futuros(as) professores(as) de química na elaboração de conteúdos pedagógicos digitais: em face dos caminhos abertos pela lei federal nº 10.639 de 2003” e, em 2016, sua tese “Possibilidades de diálogos sobre questões étnico-raciais em um grupo PIBID – Química”, ambos pela Universidade Federal de Uberlândia. Além disso, o professor possui capítulos em livros, artigos em periódicos e congressos que abordam as questões étnico-raciais no ensino de química.

Em 2010, o XV ENEQ ocorreu em Brasília, no período de 21 a 24 de julho, sendo organizado pela Universidade de Brasília em parceria com outras instituições, especialmente com a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Federal de Mato Grosso, além do apoio de diferentes organizações, como a Fiocruz Brasília, Capes e CNPq. Nesse encontro, foram realizadas mais de 1700 inscrições, feitas por professoras(es), pesquisadoras(es) e estudantes. O tema do XV ENEQ foi “A formação do professor de química e os desafios da sala de aula”, pela necessidade de serem repensados os processos de formação inicial e continuada das(os) professoras(es) da área.

Nesse ano, além das linhas de pesquisa propostas em 2008, foram criadas:

- Ensino e Inclusão – EI
- Educação Ambiental – EA

Nesse ponto, cabe destacar que a Educação Inclusiva muitas vezes é confundida com a Educação Especial, sendo que na verdade ela é muito mais ampla, pois também envolve todas as pessoas que são, de alguma forma, excluídas do processo escolar, não possuindo igualdade de acesso, permanência e êxito. Assim, a Educação Inclusiva abrange questões de gênero, étnico-raciais, deficiências e qualquer outro aspecto que possa desfavorecê-la no âmbito escolar (BASTOS, 2014).

O XV ENEQ teve cinco trabalhos envolvendo discussões étnico-racial, sendo distribuídos nas seguintes linhas de pesquisa:

- Ensino e Cultura (EC)

1. “Como as crianças crescem? Conhecimento tradicional Maxakali e conhecimento científico” (SILVEIRA, K. P.; MORTIMER, E. F.), da Universidade Federal de Minas Gerais, com a proposta de apresentar alguns aspectos da visão cósmica dos Maxakali referentes ao crescimento das crianças e suas relações com a construção do conhecimento, além de discutir fatores importantes para o ensino de ciência a este grupo indígena.

2. “Educação Inclusiva Indígena na Química: Obstáculos e possibilidades” (CAPOBIANCO, S. O.; DENARDI, A), da Universidade Federal de Mato Grosso, que relata uma experiência de tutoria a oito estudantes indígenas de diferentes cursos da UFMT, que possuem a disciplina de Química na grade curricular.

3. “O Discurso científico e o discurso da tradição na fala de alguns de um grupo de professores indígenas” (LOPES, E. T.), da Universidade Federal de Sergipe, que investiga como aparece o discurso científico e o discurso da tradição em um grupo de acadêmicos indígenas quando se referem ao tema “reação”.

- Ensino e Inclusão (EI)

4. “Formação de professores de Ciências para a Inclusão Escolar: estudos sobre a produção de diálogos” (VILELA-RIBEIRO, E. B.; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás (UFG), que tem como objetivo compreender como professores formadores que atuam em cursos de licenciatura pensam e trabalham a questão da Educação inclusiva nas áreas científicas.

- Material Didático (MD)

5. “A (in)visibilidade do negro e da história da África e Cultura Afro-Brasileira em livros didáticos de Química” (PINHEIRO, J. S.; HENRIQUE, H. C. R.; SANTOS, E. da S.), da Universidade Federal de Uberlândia, que busca analisar de acordo com a Lei 10.639/03 as imagens e textos dos livros didáticos de Química aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio no ano de 2008.

O XVI ENEQ foi realizado em Salvador, no período de 17 a 20 de julho de 2012, sendo organizado pela Universidade Federal da Bahia juntamente com outras instituições de ensino da Bahia. O tema desse encontro “O Ensino de Química: Consolidação dos Avanços e Perspectivas Futuras” deu-se pela importância de se refletir tanto sobre as experiências passadas quanto sobre o presente e o futuro do ensino de química no Brasil. Nesse ano, houve um aumento no número de linhas de pesquisa, pois foram incluídas:

- Abordagem CTS e Ensino de Química (CT)

- História da Química e Filosofia da Química no Ensino de Química (HQ)

- Políticas Educacionais e Educação Química (PE)

Apesar de haver um aumento significativo no número de trabalhos apresentados no ENEQ, de 566 em 2010 para 862 em 2012, as pesquisas envolvendo questões étnico-raciais não acompanharam esse crescimento, havendo 5 em 2010 e apenas 4 em 2012, sendo que estes foram distribuídos nas seguintes linhas de pesquisa:

- Ensino e Cultura (EC)

1. “Ensino de Química & abordagem CTS na terra indígena sangradouro” (PEREIRA, N. S.; DENARDI, A.), da Universidade Federal de Mato Grosso, que teve o objetivo de elaborar e desenvolver uma educação Química realmente significativa e que contribuísse no ensino e na qualidade de vida dos indígenas.

2. “Planejando e desenvolvendo atividades para a formação de professores indígenas” (PIUZANA, T. de M.; SILVEIRA, K. P.), da Universidade Federal de Minas Gerais e do

Colégio Técnico da UFMG, que relata uma experiência de planejamento e desenvolvimento de uma turma do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, além de descrever algumas atividades voltadas para o ensino investigativo.

- Ensino de Química e Inclusão (EI)

3. “Cultura Africana e Ensino de Química: estudos sobre a configuração da identidade docente” (SOUZA, E. P. L. de; ALVINO, A. C. B.; SANTOS, M. A. dos; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás, que apresenta uma discussão sobre a lei 10.639/03 no ensino de química, buscando mobilizar saberes docentes a respeito desta lei.

4. “Estudo comparativo dos alunos optantes ou não pelas cotas afrodescendente do curso de licenciatura em Química na Uneb” (SANTOS, B. R. da S.; SILVA, E. F. R.; SOUZA, R. A.; SOUZA NETA, L. C. de), da Universidade do Estado da Bahia, que busca investigar, no curso de licenciatura em Química da Uneb, o rendimento acadêmico dos estudantes ingressos optantes e não optantes pelas cotas afrodescendentes.

Embora o número de trabalhos não tenha aumentado, foi oferecido o minicurso “Ensino de Química para a Diversidade” pela professora Dra. Anna Maria C. Benite (autora de alguns trabalhos propostos nesta temática) e do professor Dr. Claudio R. M. Benite, atualmente ambos docentes da Universidade Federal de Goiás e que formam o “Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão”, criado em 2006, com as seguintes linhas de pesquisa:

- Necessidades Educativas especiais e necessidades formativas dos professores na perspectiva inclusiva: objetivo de desenvolver pesquisas que vinculem a problemática das necessidades formativas de professoras(es) de ciências frente às necessidades educativas especiais na perspectiva da Educação Inclusiva;

- Ensino de Química e Cibercultura na Inclusão Escolar: objetivo de explorar diversas conexões entre educação, comunicação e tecnologia; analisar os novos cenários contemporâneos para produzir, ensinar e aprender com ênfase no papel da(o) docente na sociedade tecnológica; discutir como as tecnologias de informação e comunicação alteram nossas relações com o espaço, tempo e principalmente com o conhecimento; aprofundar a percepção sobre linguagens de comunicação e discutir sobre seu potencial na educação em geral e na educação a distância em particular.

- Estudos da Cultura Afro-brasileira e o ensino de Química: objetivo de estabelecer parceria colaborativa entre professor formador, professor em formação e professor do ensino regular como estratégia de formação inicial e continuada de professoras(es) de ciências com

vistas a Lei 10.639/03; fomentar pesquisas em questões pertinentes à formação do educador relacionadas à implementação da Lei 10.639/03 na formação de professoras(es) de ciências (química, física, biologia e matemática).

Em 2007, o Laboratório fundou a Rede Goiana Interdisciplinar de Pesquisa em Educação Especial/Inclusiva – RPEI – uma rede social de colaboração científica, como alternativa para a formação inicial e continuada de professoras(es) de ciências para a inclusão escolar e que visa contribuir para dois campos de estudos: a compreensão da utilização das redes sociais de pesquisa como espaços para propiciar o processo de reflexão e o estudo da formação de professoras(es) para a Inclusão Escolar (PEREIRA, L. de L. S.; BENITE, A. M. C.; 2010).

O XVII ENEQ foi realizado em Ouro Preto, no período de 19 a 22 de agosto de 2014, organizado pela Universidade Federal de Ouro Preto, tendo como tema “A integração entre pesquisa e escola abrindo possibilidades para um ensino de química melhor”. A ideia desse tema foi a partir da palestra “Desafios para a formação de professores na contemporaneidade” proferida pela Professora Dra. Célia Maria Fernandes Nunes, em que buscou-se discutir o alcance e a responsabilidade que nós professoras(es) temos na vida de cada aluna(o). Assim, com o tema “A integração entre pesquisa e escola abrindo possibilidades para um ensino de química melhor” debateu-se questões sobre o nosso olhar para a sala de aula, a prática docente e as contribuições da pesquisa.

Em 2014, a linha de pesquisa “Ensino e Cultura” foi excluída, assim como “História da Química e Filosofia da Química no Ensino de Química” que havia sido incluída no Encontro anterior. Já a linha de pesquisa “Ensino de Química e Inclusão” foi alterada para “Inclusão e Políticas Educacionais”.

Mais uma vez, houve um aumento no número de trabalhos apresentados no ENEQ (566 em 2010, 862 em 2012 e 1069 em 2014). Entretanto, verificou-se que o aumento de trabalhos envolvendo questões étnico-raciais superou o aumento do número total de trabalhos. De 4 trabalhos em 2012 passou-se para 16 em 2014. Esses trabalhos estão divididos nas seguintes linhas de pesquisa:

- Inclusão e Políticas Educacionais (IP)

1. “As propostas e ações do PIBID de Química da UFMT/CUA para o período de 2014-2018” (COTRIM, R. C. de M.; SILVA, B. de L.; DIAS, G. F.; CARRIJO, J. V.; SILVA, P. P. de Q.; SILVA, S. K. de S.; SOUZA, T. G. R. de; SILVA, V. S. da; SOUZA, Y. S. de;

PAIXÃO, K. J. T. da; FERNANDES, F. F.; ZANETONI, V. A. L.; PENA, G. B. de O.), da Universidade Federal de Mato Grosso e Escola Estadual Antônio Cristino Cortês, que apresenta as ações do subprojeto de Química do PIBID da UFMT, propostas para 2014 a 2018.

2. “Ensino de Química e a Ciência de Matriz Africana: Uma discussão sobre as propriedades dos metais” (BASTOS, M. A.; CAMARGO, M. J. R.; LIMA, G. L. M.; VARGAS, R. N.; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás, que realiza uma intervenção pedagógica envolvendo discussões étnico-raciais no ensino de química.

3. “Sobre a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais na formação de professores de Química” (ALVINO, A. C. B.; SILVA, J. P. da; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás, que relata uma intervenção pedagógica que insere as questões étnico-raciais na formação inicial e continuada de professores de química.

- Material Didático (MD)

4. “Baruti e as pimentas” (DORNELAS, E. L.; SANTOS, R. V.; RODRIGUES FILHO, G.; PINHEIRO, J. S.; GONDIM, M. S. da C.), da Universidade Federal de Uberlândia, que aborda a cultura africana e afro-brasileira no ensino de química orgânica.

5. “A química da Mata Atlântica: uma proposta de material didático para o ensino de química num espaço de educação ambiental não formal” (MELO, E. M. de; ABATTI, G. P.; SILVA, R. G.; AGUILAR, M. A. C.), da Universidade Federal de Santa Catarina, que faz uma análise da produção de uma cartilha como ferramenta mediadora e informativa do conhecimento científico e da conscientização ambiental, aliando o conhecimento científico com a valorização das culturas indígenas nativas e da preservação das florestas.

- Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS)

6. “Análise dos Casos com aspectos sociocientíficos produzidos por professores de química em formação inicial” (GOMES, A. S.; GONDIM, M. S. da C.), da Universidade Federal de Uberlândia, que analisa os casos supostamente sociocientíficos elaborados por professores de química em formação inicial.

7. “Monocultura da cana-de-açúcar, uma proposta de trabalho interdisciplinar para o Ensino Médio” (SANCHES, S. M.; OLIVEIRA, B. V.; MARTINS, E. S.; OLIVEIRA, J. P. V.; LUZ, L. F. G.; SILVA, R. P.; TEIXEIRA JÚNIOR, J. G.), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro e da Universidade Federal de

Uberlândia, que apresenta uma proposta didática interdisciplinar tendo como tema gerador a monocultura da cana-de-açúcar.

- Formação de professores (FP)

8. “A problematização e os momentos pedagógicos: possibilidades de integração teoria-prática na formação inicial de professores” (CAPONI, A. P.; SANTOS, C. G dos; SILVA, J. N. M. da; COSTA, L. S. O.; MARQUES, L. P.), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, que relata uma proposta de oficina sobre “A Química do Cabelo” que promove uma discussão social sobre o preconceito, incluindo estudos sobre a cultura negra e sua importância na formação da nossa sociedade, além de discutir conceitos químicos.

9. “A promoção dos Direitos Humanos em Aulas de Ciências: uma perspectiva na Formação de Professores de Química” (OLIVEIRA, R. D. V. L. de; QUEIROZ, G. R. P. C.), do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Tocantins, que analisa como professores de química compreendem o seu papel na educação voltada para os direitos humanos.

10. “Discussões sobre diversidade cultural na formação do professor de Química” (GOMES, V. B.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de), da Universidade Católica de Brasília e da Universidade Federal do Tocantins, que identifica os diferentes discursos de futuros professores de Química sobre a inserção dos temas sexualidade e religiosidade no ensino de Ciências.

11. “Elaboração e Desenvolvimento de Projetos de Intervenção Pedagógica como estratégias para a formação inicial de professores de Química” (OLIVEIRA, J. P.; SILVEIRA, I. D.; FIELD’S, K. A. P.), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, que apresenta as apropriações de um grupo de estagiários por meio da elaboração e desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica fundamentado na perspectiva CTS.

- Linguagem e Cognição (LC)

12. “Caracterização de imagens e atividades desempenhadas pelos cientistas na visão de alunos do 1º ano do EM” (REZENDE, F. S.), da Faculdade Frutal, Faculdade Aldete Maria Alves e Universidade Federal de Minas Gerais, que realiza uma análise sobre as concepções dos alunos sobre cientistas envolvendo gênero, raça, idade, formação, ações, local e objetos de trabalho.

- Currículo e Avaliação (CA)

13. “Análise das questões de Química do vestibular dos povos indígenas do Paraná” (BROIETTI, F. C. D.; SOUZA, M. C. C. de; STANZANI, E. de L.; SOUZA, S. P. S. de), da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, que analisa as questões de química das provas de conhecimento específico do vestibular dos povos indígenas do Paraná de 2009 a 2013.

14. “Aspectos socioculturais do currículo na educação básica: o “mundo da escola” na significação do “mundo da vida” (COSTA-BEBER, L. B.; RITTER, J.; MALDANER, O. A.), da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta uma reflexão sobre possibilidades de uma educação básica voltadas a ações pedagógicas que tenham sentido para o “mundo da vida” das(os) sujeitas(os), dialogando com as ideias de Boaventura de Souza Santos, Paulo Freire, Lev Vigotski, entre outros.

15. “Contextualização, interdisciplinaridade e atividades experimentais na Proposta Curricular de Química do Estado de São Paulo (QUIMENTÃO, F.; MILARÉ, T.), da Universidade Federal de São Carlos, que analisa Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Médio e dos cadernos da(o) docente e estudantes, buscando identificar aspectos relacionados à interdisciplinaridade, contextualização e atividades experimentais.

- Ensino e Aprendizagem (EA)

16. “Saberes Tradicionais e ensino de Química: Análise das produções de estudantes de licenciatura em Química” (ANASTÁCIO, E. M. DE S.; REGIANI, A. M.), da Universidade Estadual de Roraima e da Universidade Federal do Acre, que busca perceber o diálogo entre as áreas de Antropologia e Química, formando licenciandos capazes de discutir sobre a diversidade cultural do estado do Acre em suas aulas de química.

Além dos trabalhos apresentados na forma de pôster e oral, as discussões sobre as questões étnico-raciais e o ensino de química foram realizadas por meio de:

- Tema de debate: “Ensino de Química, Inclusão e Afroternidades”, Anna Maria C. Benite e Cláudio Roberto M. Benite.

- Minicurso: “Máscaras Brancas, Ciência Negra”, ministrado pela professora Anna Maria C. Benite, que teve o objetivo de trabalhar a partir da contribuição dos povos africanos e ameríndios para o desenvolvimento da ciência, além de buscar planejar e desenvolver práticas pedagógicas que discutissem e ampliassem o repertório sobre o continente africano, a

fim de recusar estereótipos e construir senso críticos em alunas(os) de ensino médio, colaborando assim no processo de afirmação da Lei 10.639/03.

Ambas atividades organizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão da Universidade Federal de Goiás (citado anteriormente).

O XVIII ENEQ foi realizado em Florianópolis, nos dias 25 a 29 de julho de 2016, organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina em parceria com outras instituições, como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina e a Universidade para Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. O tema central foi “Os desafios da formação e do trabalho do professor de química no mundo contemporâneo”, eixo abrangente que busca (re)interpretar o papel da(o) docente de química desde a sua formação até o seu trabalho em sala de aula.

Nesse evento, houve um significativo aumento no número de trabalhos submetidos, sendo 767 trabalhos completos, 828 resumos e 75 para a mostra de material didático, totalizando em 1670.

Como os anais do evento não foram publicados até a presente data, tem-se apenas os títulos dos trabalhos submetidos, os quais foram divididos nas seguintes linhas de pesquisa:

- Inclusão e Políticas Educacionais

1. “A Química do café e a Lei 10.639/03: uma atividade prática de extração da cafeína a partir de produtos naturais” (ALVINO, A. C. B.; BASTOS, M. A.; SILVA, A. G.; LIMA, G. L. M.; CAMARGO, M. J. R.; MOURA, A. R. de; SILVA, J. P. da; MOREIRA, M. B.; BENITE, C. R. M.; BENITE A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás e do Centro de Ensino e Pesquisa aplicada à educação.

2. “Implementação da Lei 10639/03 no ensino de Química: uma experiência no contexto da produção de biocombustíveis e o aquecimento global”, (LIMA, G. L. M.; ALVINO, A. C. B.; MOREIRA, M. B.; SILVA, J. P. da; MOURA, A. R.; SILVA, A. G.; FAUSTINO, G. A. A.; BASTOS, M. A.; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás.

3. “Implementação da Lei 10.639/03: uma ação afirmativa a partir do ensino de química” (ALVINO, A. C. B.; MOURA, A. R. de; SILVA, A. G.; LIMA, G. L. M.; BENITE, C. R. M.; CAMARGO, J. R.; MOREIRA, M. B.; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás.

4. “O café no dia a dia, propriedades químicas e sua relação Brasil-África” (MOURA, V. C. T.; SANTOS, A.), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

5. “Química experimental e a lei 10639/03: inserção da história e cultura da África e afro-brasileira no ensino de química” (ALVINO, A. C. B.; MOREIRA, M. B.; LIMA, G. L. M.; SILVA, J. P. da; MOURA, A. R.; SILVA, A. G.; BASTOS, M. A.; FAUSTINO, G. A. A.; BENITE, A. M. C.), da Universidade Federal de Goiás.

6. “Sobre o apartheid e a platina: uma experiência na implementação da Lei 10.639/03 no currículo da Química” (SILVA, J. P. da; FAUSTINO, G. A. A.; ALVINO, A. C. B.; BASTOS, M. A.; MOURA, A. R.; LIMA, G. L. M.; SILVA, A. G.; FERNANDES, F. S.; BENITE, A. M. C.; BENITE, C. R. M.), da Universidade Federal de Goiás.

7. “Tendências atuais da pesquisa em ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino de química” (MARQUEZ, S. C.; SILVA, R. M. G. da; PINHEIRO, J. S.; SANTOS, E. da S.), do Instituto Federal Goiano, Universidade Federal de Uberlândia, Colégio Batista Mineiro e Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai.

- Formação de professores (FP)

8. “A Educação das relações étnico-raciais: olhares na formação docente em Química” (BRITO, M. C. de L.; LOPES, E. T.), da Universidade Federal de Sergipe.

9. “Ensino de Química em foco: uma proposta dialética utilizando a Lei 10.639/03 para desconstruir o mito da neutralidade da Ciência” (HEIDELMANN, S. P.; SILVA, J. F. M. da; PINHO, G. S. A.), da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Federal do Rio de Janeiro.

- Ensino e Aprendizagem (EA)

10. “Abordando conceitos químicos a partir da culinária dos terreiros de Candomblé – uma proposta de aplicação da Lei Federal 10639/03” (ALVES, C. T. da S.; CAVALCANTI, M. L. B.; NETO, J. E. S.), da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

11. “Ensino de Química em relação às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008” (SILVA, C. F.), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

- Educação Ambiental

12. “Mirongas ambientais: reflexões sobre educação ambiental, as questões etnicorraciais e a desconstrução de preconceitos por meio de um estudo de caso” (KANASHIRO, A. M.; MARTORANO, S. A. de A.; FARIAS, L. A.), da Universidade Federal de São Paulo.

13. “O ensino de química a partir do diálogo na construção de jogos didáticos e a saúde indígena Guarani e Kaiowá” (GONÇALVES, T. C.; DOMINGOS, D. C. A.; LADEIA, E. da S.; BENITES, E.), da Universidade Federal da Grande Dourados.

- Experimentação

14. “Preparo do Pajuaru como proposta para o ensino de Química em uma escola indígena no município de Bonfim, Roraima” (ISAAC, T. B. da S.; RIZZATTI, I.; LIMA, R. C. P. de; TELES, V. de L. das G.), da Universidade Estadual de Roraima.

Salienta-se que esse número de trabalhos pode ter sido maior, já que sabemos até o presente momento apenas os títulos dos trabalhos, podendo ocorrer das palavras procuradas estarem no corpo do texto e não no título.

Entretanto, com os dados disponíveis, verificou-se que a temática que envolve o ensino de química e as questões étnico-raciais não caminhou da mesma forma que as demais áreas, já que houve um grande aumento no número de trabalhos submetidos no ENEQ de 2016, não acompanhando o aumento geral.

Assim como em 2014, no ENEQ de 2016 também houve dois momentos, além das apresentações de trabalhos, como forma de ampliação do debate sobre o ensino de química e as relações étnico-raciais, sendo estes:

- Mesa Redonda: “Ensino de Química e Alteridade”, Anna Maria C. Benite, Cláudio Roberto M. Benite e Nicéa Quintino Amauro.

Nessa mesa redonda, a professora Dra. Anna Benite trouxe discussões de questões étnico-raciais, o mito da democracia racial no Brasil, preconceitos e discriminações, influência da mídia na construção/permanência de estereótipos sobre as(os) negras(os), além de apresentar exemplos de como é possível aplicar a Lei 10.639/03 no ensino de química, abordando aspectos da cultura e história africana.

Já, o professor Dr. Cláudio Benite abordou a educação especial, enfatizando a importância de uma aula igualitária para todas(os) e o pioneirismo do estado de Goiás na educação inclusiva, fato que contribuiu para a construção de parcerias.

Para finalizar o tema da mesa redonda, a professora Dra. Nicéa Quintino teve como foco as discussões sobre gênero: “Por um ensino de Ciências Feminino”, proporcionando reflexões sobre as consequências do androcentrismo e eurocentrismo no ensino de Ciências e destacando que muitas meninas não se enxergam na Ciência uma vez que há o apagamento das contribuições das mulheres.

- Roda de Conversa: “Inclusão e Educação Química: novos olhares para a diversidade em sala de aula”, Vinícius Catão, Anna Maria C. Benite, Cláudio Roberto M. Benite, Ivoni Freitas-Reis e Nicéa Quintino Amauro.

Nessa roda de conversa o professor Dr. Vinícius Catão fez uma abertura inicial, apresentando os temas que seriam abordados. Em seguida, a professora Ana Benite discutiu sobre a violência simbólica na sociedade colonial e capitalista, mostrou os mapas da violência cor/raça e da educação – acesso e permanência – cor/raça, discutindo as desigualdades frente à escola e à cultura, como também apresentou exemplos da inserção da Lei 10.639/03 no ensino de química.

O professor Dr. Cláudio Benite e a professora Dra. Ivoni Freitas-Reis trouxeram questões da educação inclusiva/especial, especialmente de materiais adaptados para as(os) alunas(os) com deficiência visual.

Encerrando a roda de conversa, a professora Nicéa Quintino abordou o racismo e o sexismo, principalmente no contexto escolar, relatando situações de preconceito/discriminações que vivenciou na graduação por professores e ainda hoje no ambiente acadêmico. Atualmente, a professora possui um projeto “Ações Formativas Integradas” com o objetivo de produzir material didático-pedagógico inédito e autoral para o Programa Ações Formativas Integradas e estabelece normas relativas às áreas de ensino de química e educação para as relações étnico-raciais.

Nesse contexto, destaca-se a presença da professora Dra. Anna Maria Benite nessas discussões étnico-raciais, tanto pelos trabalhos submetidos quanto pelas demais atividades do evento, proporcionando contribuições para a área, como também das reflexões da professora Dra. Nicéa Quintino e dos trabalhos do professor Dr. Juliano Soares Pinheiro e do professor Dr. Guimes Rodrigues Filho, o qual orientou a primeira tese de doutorado sobre “A Bioquímica e a Lei Federal 10.639/03 em espaços formais e não formais de educação”. Ressalta-se que esses professores estão envolvidos com pesquisas voltadas as questões temáticas sobre as culturas africanas e afro-brasileiras.

Nesse sentido, apesar de haver trabalhos no ENEQ sobre as questões indígenas, é necessário que o debate se amplie nesses importantes momentos de discussão/reflexão com professoras(es) envolvidas(os) essa temática. Como pesquisadora nesta área temos a professora Dra. Edineia Tavares Lopes, da Universidade Federal de Sergipe, que estuda as relações étnico-raciais, principalmente indígenas. A professora defendeu sua tese de doutorado em 2012: “Conhecimentos Bakairi cotidianos e conhecimentos químicos escolares:

perspectivas e desafios” pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente está orientando os seguintes projetos de pesquisa que envolvem questões indígenas:

- A Educação do Corpo: entre os saberes e fazeres indígenas e os saberes e fazeres da sociedade mato-grossense;
- Saberes Indígenas e saberes das Ciências Naturais: construindo possibilidades na educação escolar indígena e no atendimento da Lei 11.645/2008;
- Produção de um jogo didático que aborde as pinturas corporais indígenas e os conhecimentos científicos escolares no ensino de Ciências Naturais nos anos iniciais do EF;
- Relação com os saberes científicos escolares em três escolas indígenas brasileiras;
- Relação com os saberes científicos escolares e obstáculos epistemológicos: contexto escolar indígena.

De uma forma geral, de acordo com a figura 1, o número de trabalhos dos ENEQ's de 2008 a 2016 que envolvem as discussões indígenas são menores, porém abrangem um maior número de estados. Além disso, os trabalhos que relacionam o ensino de química e questões das culturas africanas e afro-brasileiras estão concentrados nos estados de Goiás e Minas Gerais, com pouca ou nenhuma participação dos outros estados.

Houve cinco trabalhos que tiveram a participação de dois estados, sendo que dois deles foram entre estados vizinhos. Nesses casos, as identificações foram feitas nas fronteiras entre os dois estados (São Paulo e Paraná; Goiás e Minas Gerais). No trabalho entre o estado de Roraima e o Acre, a representação foi colocada no estado do Acre, já que neste não há outro trabalho. No que foi realizado entre o Rio de Janeiro e Tocantins, a imagem foi adicionada no estado do Rio de Janeiro, já que foram envolvidas duas instituições desse estado. O trabalho que teve a participação de Tocantins e Distrito Federal foi representado no estado do Tocantins.

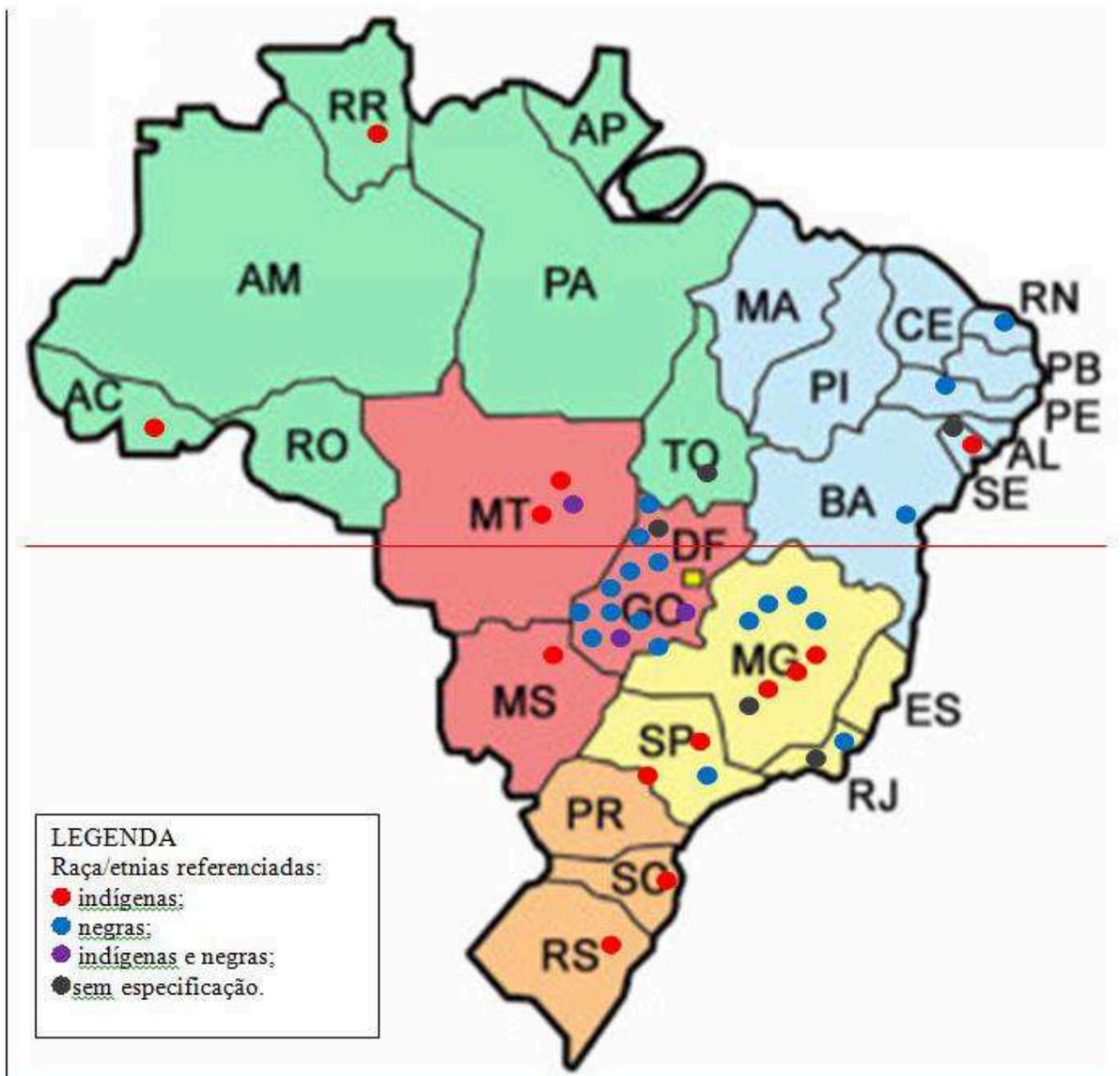


Figura 1: Mapeamento dos Trabalhos apresentados nos ENEQ's entre 2008- 2016, identificando referências as raça/etnias por estado.

Quadro 1: Relação em porcentagem entre o número de trabalhos que abordam questões étnico-raciais e número de trabalhos inscritos.

| Ano | Número de trabalhos inscritos | Número de trabalhos questão étnico-racial | Relação em % |
|------|-------------------------------|---|--------------|
| 2008 | 462 | 1 | 0,22% |
| 2010 | 566 | 5 | 0,88% |
| 2012 | 862 | 4 | 0,46% |
| 2014 | 1069 | 16 | 1,50% |
| 2016 | 1595 | 14 | 0,88% |

Por meio do quadro 1 podemos verificar que a relação entre o número de trabalhos que envolvem as questões étnico-raciais e o número de trabalhos inscritos foi maior no ano de 2014. Entretanto, esses valores são extremamente baixos, o que nos indica o quanto ainda precisamos avançar nas pesquisas nessa área como também em sua divulgação e reflexão.

Dessa forma, verifica-se que há docentes/pesquisadoras(es) da área de química preocupadas(os) com as questões étnico-raciais e que buscam atender as Leis 10.639/03 e 11.645/08 nos respectivos trabalhos. Por outro lado, entende-se que há muito a percorrer na busca de um ensino de química para as relações étnico-raciais. Afinal, além das pesquisas estarem concentradas em poucas(os) profissionais ainda precisamos criar formas para que essas discussões alcancem o ambiente escolar. Assim, considera-se a relevância das formações iniciais e continuadas de professoras(es).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos ocorreram mudanças significativas nas universidades como consequência das políticas públicas. No caso da química, houve a criação de novos cursos de licenciatura por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa Institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID – CAPES) e os mestrados profissionais em Ensino de Ciências. Essas ações aumentaram a contratação de profissionais da área de Ensino de Química para as universidades e institutos federais. Os projetos PIBID-Química têm proporcionado a inserção de estudantes da licenciatura nas escolas desde o início do curso, levando a (re)pensar a prática docente a partir da vivência na escola e da pesquisa. Dessa forma, há um aumento significativo no número de trabalhos que estão sendo apresentados nos últimos ENEQ's, contribuindo para o avanço da pesquisa em Ensino de Química no país.

Especificamente na área que envolve o ensino de química e as questões étnico-raciais, também percebe-se um avanço, pois além do crescimento no número de trabalhos apresentados nessa temática a partir de 2014, essas discussões também foram incluídas por meio de minicurso, mesas redondas e rodas de conversa, possibilitando a ampliação do debate e da pesquisa nessa temática. Essas atividades indicam a necessidade de ampliação do debate sobre o tema e da formação pedagógica.

Entretanto, considera-se ainda pequeno o número de participantes nos ENEQs nas atividades que relacionam o ensino de química às relações étnico-raciais quando comparado às demais temáticas. Além disso, as pesquisas e discussões estão bastante concentradas nos estados de Goiás, principalmente na Universidade Federal de Goiás com os trabalhos da professora Dra. Anna Maria Benite e de Minas Gerais, com importante participação da Universidade Federal de Uberlândia, destacando-se os trabalhos do professor Dr. Juliano Soares Pinheiro, atualmente docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

De uma forma geral, a linha de pesquisa que mais está sendo utilizada para inserir os trabalhos nessa temática é a de inclusão, ainda que tenha sido implementada apenas em 2010, sendo que já nesse mesmo ano houve um número significativo de trabalhos apresentados, mas na área de educação especial. Apenas a partir de 2014 que há um crescimento na temática étnico-racial, ou seja, 11 anos depois da publicação da Lei 10.639/03.

Entende-se que o termo inclusão esteja sendo utilizado como forma de buscar de fato uma educação para todas(os), independente de gênero, raças/etnias, deficiências e outros

marcadores sociais, uma vez que muitas pessoas ainda são excluídas do processo escolar ou, quando presentes, são invisibilizadas.

Em relação às questões étnico-raciais, foco deste trabalho, a escola ainda utiliza os padrões culturais de determinados grupos como parâmetros para julgar e atribuir valores negativos a características de outros, as religiões afro-brasileiras ainda são consideradas “atrasadas” ou são apresentadas como “folclore”, as diferenças étnico-raciais são biologizadas e justificam práticas de discriminação, entre outros tantos aspectos que nos indicam a urgente necessidade de mudanças e a busca constante de uma Escola Inclusiva.

Por fim, considera-se a relevância de um ensino de química para as relações étnico-raciais que busque a afirmação da cultura de matriz afro-brasileira e indígenas, a promoção de conhecimentos e saberes de culturas e povos historicamente excluídos e/ou invisibilizados no contexto de uma educação culturalmente homogênea e a aproximação e valorização de elementos do universo cultural das(os) alunas(os) de origem étnica indígena e negra. Para tanto, reafirma-se a importância dessas discussões étnico-raciais estarem presentes em formações iniciais e continuadas de professoras(es) como forma de possibilitar novos caminhos e propostas que valorizem a diversidade étnico-racial na educação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed.70, 1979.

BASTOS, Angélica de Santana. A educação química inclusiva na concepção de professores de química de Anápolis. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Química apresentado à Coordenação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás-Câmpus Anápolis, 2014. Disponível em: <<http://www.ifg.edu.br/anapolis/images/2016/Documentos/TCCQuimica/2014/tcc%20-%20anglica%20de%20santana%20bastos.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

BASTOS, Morgana A. et al. Ensino de Química e a Ciência de Matriz Africana: uma discussão sobre as propriedades dos metais. XVII Encontro Nacional de Ensino de Química, Ouro Preto, 2014. Disponível em: <<http://anaiseneq2014.ufop.br/itens.php?id=14>>. Acesso em 29 jul. 2016.

BENTO, Berenice. Na escola que se aprende que a diferença faz a diferença. Revista Estudos Feministas, v. 19. n. 2, 2011, p. 549-559. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 14 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, 2008a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em 28 jul. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Rede de Educação para a Diversidade. Brasília, 2008b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/rede-de-educacao-para-a-diversidade>>. Acesso em 28 jul. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>. Acesso em 29 out. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resumo Técnico – Censo Escolar 2010. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7272-div-censo-escolar2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em 04 nov. 2016.

BRITO, Samuel D. et al. Lei 10.693/03 no ensino de Química – “Agora é a hora do cabelo”. Anais do II Simpósio Mineiro de Educação Química, 2013, p. 142-143.

CANEN, Ana. Multiculturalismo e formação docente: experiências narradas. Educação & Realidade, v. 24, n. 2, 1999, p. 89-102. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/55391/0>>. Acesso em 26 jun. 2016.

CANEN, Ana; CANEN, Alberto G. Rompendo fronteiras curriculares: o multiculturalismo na educação e outros campos do saber. Currículo sem Fronteiras, v. 5, n. 2, 2005, p. 40-49. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol5iss2articles/canen.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2016.

CARVALHO, Marília. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. Revista Brasileira de Educação, n. 28, 2005, p. 77-96.

DIONYSIO, R. B. AMORIM, G. da C.; OLIVEIRA, R. D. V. L. Direitos Humanos na aula de Química: um relato de experiência a partir da aplicação da Lei 10.639/2003. Revista Práxis, Ano VII, n. 14, 2015. Disponível em: <<http://web.unifoa.edu.br/praxis/numeros/14/63-70.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2016.

FONSECA, J. J. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, v. 29, n. 1, 2003, p. 167-182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação Anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 2005, p. 39-62. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1555>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

MARCONDES, Maria Eunice Ribeiro. Proposições metodológicas para o ensino de química: oficinas temáticas para a aprendizagem da Ciência e o desenvolvimento da cidadania. Em Extensão, Uberlândia, v. 7, 2008, p. 67-77. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/4eb63d_7610a3faca2662aa03237398f8145d77.pdf. Acesso em: 28 de jan. 2016.

MOREIRA, Patricia Flávia da Silva Dias. A Bioquímica e a Lei Federal 10.639/03 em espaços formais e não formais de educação. Tese apresentada no Instituto de Química da Universidade Federal de Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/3761/1/Bioqu%C3%ADmicaLeiFederal.pdf>. Acesso em: 28 de jan. 2016.

OLIVEIRA, R. D. V. L.; QUEIROZ, G. R. P. C. As bonecas Karajá em aulas de Ciências: caminhos para a implementação da lei 11.645/08 e diálogo com os direitos humanos. Periferia Revista de Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da FEBF/UERJ, v.7, n. 1, 2015, p. 107-125. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/21973>>. Acesso em 28 jul. 2016.

OLIVEIRA, R. D. V. L.; QUEIROZ, G. R. P. C. (orgs.), Tecendo diálogos sobre direitos humanos na educação em Ciências, Editora Livraria da Física, 2016, p. 17.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto; CAPUTO, Stela Guedes. Práticas e narrativas da diáspora africana: notas sobre o papel da escola na valorização da diversidade. In: DESLANDES, Keila; LOURENÇO, Érika (orgs.). Por uma cultura dos direitos humanos na escola, Editora Fino Traço, Belo Horizonte, 2011, p. 103-116.

PEREIRA, Lidiane de L. S.; BENITE, Anna M. C. Rede Goiana de Pesquisa em Educação Especial/Inclusiva: formando professores de Ciências/Química. Anais do XV Encontro Nacional de Ensino de Química, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.xvencq2010.unb.br/resumos/R0773-1.pdf>. Acesso em 18 out. 2016.

PINHEIRO, J. S.; HENRIQUE, H. C. R.; SANTOS, E. da S. A (in)visibilidade do negro e da história da África e Cultura Afro-Brasileira em livros didáticos de Química. XV Encontro Nacional de Ensino de Química, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.xvencq2010.unb.br/resumos/R1086-1.pdf>>. Acesso em 29 jul. 2016.

PINHEIRO, J. S.; RODRIGUES FILHO, G.; AMAURO, N. Q. Educação das relações étnico-raciais e o ensino de Química: ações de um grupo Pibid – Química. In: OLIVEIRA, R. D. V. L.; QUEIROZ, G. R. P. C. (orgs.), Tecendo diálogos sobre direitos humanos na educação em Ciências, Editora Livraria da Física, 2016, p. 135-159.

ROHDEN, Fabíola. Gênero, Sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, 2009, p. 157-174. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a0839136.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2016.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos Santos. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. Ciência & Ensino, v. 1, número especial, 2007. Disponível em: http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=rcen&cod=_contextualizacaonoensino. Acesso em 28 jan. 2016.

SANTOS, Raquel Gonçalves dos; SIEMSEN, Giselle Henequin; SILVA, Camila Silveira. Articulando Química, questões raciais e de gênero numa oficina sobre diversidade desenvolvida no âmbito do PIBID: análise da contribuição dos recursos didáticos alternativos. X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Lindóia, 2015. Disponível em: <<http://www.xenpec.com.br/anais2015/resumos/R0346-1.PDF>>. Acesso em 29 jul. 2016.

SOUZA, Ellen Pereira Lopes de. Estudos sobre a formação de professores de Ciências no contexto da lei 10.639/03. Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014. Disponível em: https://mestrado.prpg.ufg.br/up/97/o/Elen_Pereira_Lopes.pdf. Acesso em: 28 jan 2016.

SOUZA, Ellen Pereira Lopes et al. Cultura Africana e Ensino de Química: estudos sobre a configuração da identidade docente. XVI Encontro Nacional de Ensino de Química, Salvador, 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/anaiseneq2012/article/view/7520/5580>>. Acesso em 29 jul. 2016.

VENCATO, Anna Paula. Diferenças na Escola. In: MISKOLCI, R.; LEITE JÚNIOR, J. (orgs). Diferenças na Educação: outros aprendizados. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 19-56.

ZUIN, Vânia Gomes et al. Análise da perspectiva ciência, tecnologia e sociedade em materiais didáticos. Ciências e Cognição, v. 13, 2008, p. 56-64. Disponível em:<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13/cec_v13-1_m318244.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

ANEXO 1

Quadro 2: Trabalhos apresentados nos ENEQ's de 2008 a 2016.

| ANO | FORMATO | TÍTULO | AUTORAS(ES) | INSTITUIÇÃO | ESTADO | LINHA TEMÁTICA | PALAVRAS-CHAVE | OBJETIVO/FOCO NAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS | RAÇA/ETNIA |
|------|-------------------|--|-------------------------------------|---|--------------|-------------------------|---|--|------------|
| 2008 | Trabalho Completo | Mobilização de saberes docentes no processo de produção de objetos de aprendizagem que atendem a lei 10.639/03 | PINHEIRO, J. S.; SILVA, R. M. G. da | UFU – Universidade Federal de Uberlândia | Minas Gerais | Formação de professores | Química, objetos de aprendizagem, África | Analisar o processo de produção e desenvolvimento de material didático digital junto a um grupo de alunos de licenciatura em química e observar quais os saberes docentes mobilizados no processo/ Principal | Negra |
| 2010 | Trabalho Completo | O Discurso científico e o discurso da tradição na fala de alguns de um grupo de professores indígenas | LOPES, E. T. | UFS – Universidade Federal de Sergipe | Sergipe | Ensino e Cultura | Cultura, discurso científico | Investigar como aparece o discurso científico e o discurso da tradição em um grupo de acadêmicos indígenas quando se referem ao tema “reação”/ Principal | Indígenas |
| 2010 | Trabalho Completo | Como as crianças crescem? Conhecimento tradicional Maxakali e conhecimento científico | SILVEIRA, K. P.; MORTIMER, E. F. | UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais | Minas Gerais | Ensino e Cultura | Ensino de ciências, educação indígena, maxakali | Apresentar alguns aspectos da visão cósmica dos Maxakali referentes ao crescimento das crianças e suas relações com a construção do conhecimento, além de discutir fatores importantes para o ensino de ciência a este grupo indígena/ Principal | Indígenas |
| 2010 | Resumo | Formação | VILELA- | UFG – | Goiás | Inclusão | Formação | Compreender | Nenhuma |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|--|---|--|--------------|-------------------|---|---|------------|
| | | de professores de Ciências para a Inclusão Escolar: estudos sobre a produção de diálogos | RIBEIRO, E. B.; BENITE, A. M. C. | Universidade Federal de Goiás | | | de professores, inclusão, educação científica | como professores formadores que atuam em cursos de licenciatura pensam e trabalham a questão da Educação inclusiva nas áreas científicas/ | específica |
| 2010 | Resumo | Educação Inclusiva Indígena na Química: Obstáculos e possibilidades | CAPOBIANCO, S. O.; DENARDI, A. | UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso | Mato Grosso | Ensino e Cultura | Química, inclusão, indígena | Relatar uma experiência de tutoria a oito estudantes indígenas de diferentes cursos da UFMT, que possuem a disciplina de Química na grade curricular/ Principal | Indígenas |
| 2010 | Trabalho Completo | A (in)visibilidade do negro e da história da África e Cultura Afro-Brasileira em livros didáticos de Química | PINHEIRO, J. S.; HENRIQUE, H. C. R.; SANTOS, E. da S. | UFU – Universidade Federal de Uberlândia | Minas Gerais | Material Didático | Livro didático, Química, Negro | Analisar de acordo com a Lei 10.639/03, as imagens e textos dos livros didáticos de Química aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio no ano de 2008/ Principal | Negra |
| 2012 | Trabalho Completo | Planejando e desenvolvendo atividades para a formação de professores indígenas | PIUZANA, T. de M.; SILVEIRA, K. P. | UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais Colégio Técnico da UFMG | Minas Gerais | Ensino e Cultura | Educação indígena, ciências | Relatar uma experiência de planejamento e desenvolvimento de uma turma do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, além de descrever algumas atividades voltadas para o ensino investigativo/ Principal | Indígenas |
| 2012 | Resumo | Estudo comparativo dos | SANTOS, B. R. da S.; SILVA, E. F. R.; | Uneb – Universidade do Estado da Bahia | Bahia | Inclusão | Cotas, afrodescendente, | Investigar, no curso de licenciatura | Negra |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|---|--|--------------|-------------------|--|---|-----------|
| | | alunos optantes ou não pelas cotas afrodescendentes do curso de licenciatura em Química na Uneb | SOUZA, R. A.; SOUZA NETA, L. C. de | | | | química | em Química da Uneb, o rendimento acadêmico dos estudantes ingressos optantes e não optantes pelas cotas afrodescendentes/ Principal | |
| 2012 | Resumo | Ensino de Química & abordagem CTS na terra indígena sangradouro | PEREIRA, N. S.; DENARDI, A. | UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso | Mato Grosso | Ensino e Cultura | Ensino de Química, abordagem CTS, qualidade de vida, multicultural | Elaborar e desenvolver uma educação Química que seja significativa e contribua no ensino e na qualidade de vida dos indígenas/ Principal | Indígenas |
| 2012 | Trabalho completo | Cultura Africana e Ensino de Química: estudos sobre a configuração da identidade docente | SOUZA, E. P. L. de; ALVINO, A. C. B.; SANTOS, M. A. dos; BENITE, A. M. C. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão | Identidade negra, formação de professores de química, lei 10.639 | Apresentar uma discussão sobre a lei 10.639/03 no ensino de química, buscando mobilizar saberes docentes a respeito desta lei/ Principal | Negra |
| 2014 | Trabalho completo | Ensino de Química e a Ciência de Matriz Africana: Uma discussão sobre as propriedades dos metais | BASTOS, M. A.; CAMARGO, M. J. R.; LIMA, G. L. M.; VARGAS, R. N.; BENITE, A. M. C. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão | Ensino de química, lei 10.639/03, diáspora africana no Brasil | Intervenção Pedagógica envolvendo discussões étnico-raciais no ensino de química/ Principal | Negra |
| 2014 | Resumo | Baruti e as pimentas | DORNELAS, E. L.; SANTOS, R. V.; RODRIGUES FILHO, G.; PINHEIRO, J. S.; GONDIM, M. S. da C. | UFU – Universidade Federal de Uberlândia | Minas Gerais | Material Didático | Mídia visual, material paradidático, atarè | Abordar a cultura africana e afro-brasileira no ensino de química orgânica/ Principal | Negra |
| 2014 | Trabalho completo | Sobre a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais na formação de professores de Química | ALVINO, A. C. B.; SILVA, J. P. da; BENITE, A. M. C. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão | Formação Professores de Química, Relações étnico-raciais | Intervenção Pedagógica que busca inserir as questões étnico-raciais na formação inicial e continuada de professores de química/ Principal | Negra |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|--|---|------------------------------|---------------------------------------|--|---|--------------------|
| 2014 | Resumo | Monocultura da cana-de-açúcar, uma proposta de trabalho interdisciplinar para o Ensino Médio. | SANCHES, S. M.; OLIVEIRA, B. V.; MARTINS, E. S.; OLIVEIRA, J. P. V.; LUZ, L. F. G.; SILVA, R. P.; TEIXEIRA JÚNIOR, J. G. | IFTM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro UFU – Universidade Federal de Uberlândia | Minas Gerais | CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) | Interdisciplinaridade, monocultura de cana-de-açúcar, ensino médio | Proposta didática interdisciplinar tendo como tema gerador a monocultura da cana-de-açúcar/ Secundário | Negra |
| 2014 | Resumo | A problematização e os momentos pedagógicos: possibilidades de integração teoria-prática na formação inicial de professores | CAPONI, A. P.; SANTOS, C. G dos; SILVA, J. N. M. da; COSTA, L. S. O.; MARQUES, L. P. | IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás | Goiás | Formação de professores | Estágio curricular, momentos pedagógicos, teoria-prática | Proposta de oficina sobre “A Química do Cabelo” que busca promover uma discussão social sobre o preconceito, incluindo estudos sobre a cultura negra e sua importância na formação da nossa sociedade, além de discutir conceitos químicos/ Principal | Negra |
| 2014 | Resumo | Discussões sobre diversidade cultural na formação do professor de Química | GOMES, V. B.; OLIVEIRA, R. D. V. L. de | UCB – Universidade Católica de Brasília UFT – Universidade Federal do Tocantins | Distrito Federal e Tocantins | Formação de professores | Direitos Humanos, formação de professores de Química, diversidade cultural | Identificar os diferentes discursos de futuros professores de Química sobre a inserção dos temas sexualidade e religiosidade no ensino de Ciências/ Secundário | Nenhuma específica |
| 2014 | Resumo | Caracterização de imagens e atividades desempenhadas pelos cientistas na visão de alunos do 1º ano do EM | REZENDE, F. S. | FAF – Faculdade Frutal FAMA – Faculdade Aldete Maria Alves UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais | Minas Gerais | Linguagem e Cognição | Ensino de Química, imagens do trabalho científico, concepções de alunos | Análise sobre as concepções dos alunos sobre cientistas envolvendo gênero, raça, idade, formação, ações, local e objetos de trabalho/ Secundário | Nenhuma específica |
| 2014 | Trabalho completo | Elaboração e Desenvolvimento de Projetos de Intervenção Pedagógica | OLIVEIRA, J. P.; SILVEIRA, I. D.; FIELD’S, K. A. P. | IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás | Goiás | Formação de Professores | Projetos, estágio, CTSA | Apresentar as apropriações de um grupo de estagiários por meio da elaboração e | Negra e indígenas |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|--|---|--------------------|---------------------------------------|---|---|-------------------|
| | | como estratégias para a formação inicial de professores de Química | | | | | | desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica fundamentado na perspectiva CTS/ Secundário | |
| 2014 | Trabalho completo | Análise das questões de Química do vestibular dos povos indígenas do Paraná | BROIETTI, F. C. D.; SOUZA, M. C. C. de; STANZANI, E. de L.; SOUZA, S. P. S. de | UEL – Universidade Estadual de Londrina UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | Paraná e São Paulo | Currículo e Avaliação | Química, vestibular indígena, questões | Analisar as questões de química das provas de conhecimento específico do vestibular dos povos indígenas do Paraná de 2009 a 2013/ Principal | Indígenas |
| 2014 | Trabalho completo | A química da Mata Atlântica: uma proposta de material didático para o ensino de química num espaço de educação ambiental não formal | MELO, E. M. de; ABATTI, G. P.; SILVA, R. G.; AGUILAR, M. A. C. | UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina | Santa Catarina | Material Didático | Corantes naturais, mata atlântica, educação não formal | Análise da produção de uma cartilha como ferramenta mediadora e informativa do conhecimento científico e da conscientização ambiental, aliando o conhecimento científico com a valorização das culturas indígenas nativas e da preservação das florestas/ Principal | Indígenas |
| 2014 | Trabalho completo | Análise dos Casos com aspectos sociocientíficos produzidos por professores de química em formação inicial | GOMES, A. S.; GONDIM, M. S. da C. | UFU – Universidade Federal de Uberlândia | Minas Gerais | CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) | Estudo de casos, aspectos sociocientíficos, formação de professores | Analisar os casos supostamente sociocientíficos elaborados por professores de química em formação inicial/ Secundário | Indígenas |
| 2014 | Resumo | As propostas e ações do | COTRIM, R. C. de M.; SILVA, | UFMT – Universidade | Mato Grosso | Inclusão e Políticas | PIBID, licenciatura | Apresentar as ações do | Negra e Indígenas |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|---|--|-------------------|-----------------------|---|--|---|
| | | PIBID de Química da UFMT/CUA para o período de 2014-2018 | B. de L.; DIAS, G. F.; CARRIJO, J. V.; SILVA, P. P. de Q.; SILVA, S. K. de S.; SOUZA, T. G. R. de; SILVA, V. S. da; SOUZA, Y. S. de; PAIXÃO, K. J. T. da; FERNANDES, F. F.; ZANETONI, V. A. L.; PENA, G. B. de O. | Federal de Mato Grosso Escola Estadual Antônio Cristino Cortês | | Educação | em Química, formação docente em Química | subprojeto de Química do PIBID da UFMT, propostas para 2014 a 2018/ Secundário | |
| 2014 | Trabalho completo | Saberes Tradicionais e ensino de Química: Análise das produções de estudantes de licenciatura em Química | ANASTÁCIO, E. M. DE S.; REGIANI, A. M. | UERR – Universidade Estadual de Roraima UFAC – Universidade Federal do Acre | Roraima e Acre | Ensino e Aprendizagem | Contextos Regionais, licenciandos em Química, Ensino de Química | Perceber o diálogo entre as áreas de Antropologia e Química, formando licenciandos capazes de discutir sobre a diversidade cultural do estado do Acre em suas aulas de química/ Principal | Diferentes grupos étnicos, principalmente indígenas |
| 2014 | Trabalho Completo | Aspectos socioculturais do currículo na educação básica: o “mundo da escola” na significação do “mundo da vida” | COSTA-BEBER, L. B.; RITTER, J.; MALDANER, O. A. | Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul | Rio Grande do Sul | Currículo e Avaliação | Ecologia de saberes, problematização, significação cultural | Apresentar uma reflexão sobre possibilidades de uma educação básica voltadas a ações pedagógicas que tenham sentido para o “mundo da vida” das(os) sujeitas(os), dialogando com as ideias de Boaventura de Souza Santos, Paulo Freire, Lev Vigotski, entre outros/ Secundário. | Indígenas |
| 2014 | Trabalho completo | Contextualização, interdisciplinaridade e atividades experimentais na Proposta Curricular de Química do Estado | QUIMENTÃO, F. MILARÉ, T. | Universidade Federal de São Carlos | São Paulo | Currículo e Avaliação | Interdisciplinaridade; contextualização; experimentação | Analisar a Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Médio e dos cadernos da(o) docente e estudantes, buscando | Indígenas |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|--|---|--|----------------------------|-------------------------|--|---|--------------------|
| | | de São Paulo | | | | | | identificar aspectos relacionados à interdisciplinaridade, contextualização e atividades experimentais/ Secundário | |
| 2014 | Trabalho completo | A promoção dos Direitos Humanos em Aulas de Ciências: uma perspectiva na Formação de Professores de Química | OLIVEIRA, R. D. V. L. de; QUEIROZ, G. R. P. C. | CEFET – RJ – UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro UFT – Universidade Federal do Tocantins | Rio de Janeiro e Tocantins | Formação de professores | Direitos Humanos, formação de professores, educação em Química | Analisar como professores de química compreendem o seu papel na educação voltada para os direitos humanos/ Secundário | Nenhuma específica |
| 2016 | Trabalho Completo | Química experimental e a lei 10639/03: inserção da história e cultura da África e afro-brasileira no ensino de química | ALVINO, A. C. B.; MOREIRA, M. B.; LIMA, G. L. M.; SILVA, J. P. da; MOURA, A. R.; SILVA, A. G.; BASTOS, M. A.; FAUSTINO, G. A. A.; BENITE, A. M. C. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |
| 2016 | Resumo | Implementação da Lei 10.639/03: uma ação afirmativa a partir do ensino de química | ALVINO, A. C. B.; MOURA, A. R. de; SILVA, A. G.; LIMA, G. L. M.; BENITE, C. R. M.; CAMARGO, J. R.; MOREIRA, M. B.; BENITE, A. M. C. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |
| 2016 | Trabalho completo | A Química do café e a Lei 10.639/03: uma atividade prática de extração da cafeína a partir de produtos naturais | ALVINO, A. C. B.; BASTOS, M. A.; SILVA, A. G.; LIMA, G. L. M.; CAMARGO, M. J. R.; MOURA, A. R. de; SILVA, J. P. da; MOREIRA, M. B.; BENITE, C. R. M.; BENITE A. M. C. | CEPAE – Centro de Ensino e Pesquisa aplicado à educação UFG- Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|--|--|----------------------|-------------------------|---|-----------|-------|
| 2016 | Trabalho completo | Implementação da Lei 10639/03 no ensino de Química: uma experiência no contexto da produção de biocombustíveis e o aquecimento global | LIMA, G. L. M.; ALVINO, A. C. B.; MOREIRA, M. B.; SILVA, J. P. da; MOURA, A. R.; SILVA, A. G.; FAUSTINO, G. A. A.; BASTOS, M. A.; BENITE, A. M. C. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |
| 2016 | Trabalho completo | O café no dia a dia, propriedades químicas e sua relação Brasil-África | MOURA, V. C. T.; SANTOS, A. | UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Rio Grande do Norte | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |
| 2016 | Trabalho completo | Sobre o apartheid e a platina: uma experiência na implementação da Lei 10.639/03 no currículo da Química | SILVA, J. P. da; FAUSTINO, G. A. A.; ALVINO, A. C. B.; BASTOS, M. A.; MOURA, A. R.; LIMA, G. L. M.; SILVA, A. G.; FERNANDES, F. S.; BENITE, A. M. C.; BENITE, C. R. M. | UFG – Universidade Federal de Goiás | Goiás | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |
| 2016 | Trabalho completo | Tendências atuais da pesquisa em ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino de química | MARQUEZ, S. C.; SILVA, R. M. G. da; PINHEIRO, J. S.; SANTOS, E. da S. | IF Goiano – Instituto Federal Goiano UFU – Universidade Federal de Uberlândia CBM – Colégio Batista Mineiro URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai | Goiás e Minas Gerais | Inclusão e Políticas | - | Principal | Negra |
| 2016 | Trabalho completo | A Educação das relações étnico-raciais: olhares na formação docente em Química | BRITO, M. C. de L.; LOPES, E. T. | UFS – Universidade Federal de Sergipe | Sergipe | Formação de professores | - | Principal | - |

| | | | | | | | | | |
|------|-------------------|---|---|---|----------------|-------------------------|---|-----------|------------------|
| 2016 | Trabalho completo | Ensino de Química em foco: uma proposta dialética utilizando a Lei 10.639/03 para desconstruir o mito da neutralidade da Ciência | HEIDELMANN, S. P.; SILVA, J. F. M. da; PINHO, G. S. A. | UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro IFRJ – Instituto Federal do Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Formação de professores | - | Principal | Negra |
| 2016 | Resumo | Abordando conceitos químicos a partir da culinária dos terreiros de Candomblé – uma proposta de aplicação da Lei Federal 10639/03 | ALVES, C. T. da S.; CAVALCANTI, M. L. B.; NETO, J. E. S. | UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco | Pernambuco | Ensino e Aprendizagem | - | Principal | Negra |
| 2016 | Resumo | Ensino de Química em relação às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 | SILVA, C. F. | IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás | Goiás | Ensino e Aprendizagem | - | Principal | Negra e Indígena |
| 2016 | Trabalho completo | Mirongas ambientais: reflexões sobre educação ambiental, as questões etnicorraciais e a desconstrução de preconceitos por meio de um estudo de caso | KANASHIRO, A. M.; MARTORANO, S. A. de A.; FARIAS, L. A. | UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo | São Paulo | Educação ambiental | - | Principal | Negra |
| 2016 | Trabalho completo | Preparo do Pajuaru como proposta para o ensino de química em uma escola indígena no município de Bonfim, Roraima | ISAAC, T. B. da S.; RIZZATI, I.; LIMA, R. C. P.; TELES, V. de L. das G. | UERR – Universidade Estadual de Roraima | Roraima | Experimentação | - | Principal | Indígenas |

| | | | | | | | | | |
|------|--------|--|---|--|--------------------|--------------------|---|-----------|-----------|
| 2016 | Resumo | O Ensino de Química a partir do diálogo na construção de jogos didáticos e a saúde indígena Guarani e Kaiowá | GONÇALVES, T. C.; DOMINGOS, D. C. A.; LADEIA, E. da S.; BENITES, E. | UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados | Mato Grosso do Sul | Educação Ambiental | – | Principal | Indígenas |
|------|--------|--|---|--|--------------------|--------------------|---|-----------|-----------|